



# mmar

FILM  
FESTIVAL

**catálogo  
2019**

## Ficha técnica

EDIÇÃO **Câmara Municipal de Ílhavo**

TÍTULO **Mar Film Festival 2019**

CURADORIA **Jorge Seabra**

COMUNICAÇÃO **Margarida Malaquias, Miguel Araújo**

IMAGEM **Bruno Pinto**

IMPRESSÃO **Diário do Porto**

TIRAGEM **170 exemplares**

DISTRIBUIÇÃO **Gratuita**

**mar**

**FILM  
FESTIVAL**

abril 2019  
26<sup>sex</sup>

10:00 **Mar. A última fronteira**

(documentário - sessão escolas)

NUNO SÁ (2019 45')

APRESENTAÇÃO E CONVERSA:

Nuno Sá (realizador) e Catarina Eira (CESAM-UA)

14:30

**O cais do nosso olhar**

Retrospectiva e conversa

com Manuel Paula Dias, realizador

**Sal, duro sal** (1977 20')

**Vivinha da Costa** (1981 10')

**Memórias de RiaMar**

Exibição de entrevistas a concurso:

**“Três fotografias, uma história”**

**Entrevista a José Carapelho**

FRANCISCO CARAPELHO

GONÇALO REGALADO

TOMÁS MARTINHO

**Entrevista a António Engrácio**

FRANCISCA SOARES

INÊS PATA

MARIANA ALMEIDA

TOMÁS DURÃO

PEDRO MIGUEL

**Entrevista a Manuel da Graça Patrício**

ÍRIS CASQUEIRA

JOANA RAMOS

MARIANA GONÇALVES

**MARnoto**

Entrega do prémio RiaMar 2019

16:30 **Terra franca** (documentário)

LEONOR TELES (2018 82')

18:00 **A ver o mar** (documentário)

ANA LUÍSA OLIVEIRA, ANDRÉ PUERTAS

E SARA SANTOS (2017 25')

Apresentação e conversa com os realizadores

18:30 **Com paixão** (ficção)

JAMES MARSH (2018 97')

21:30

**Abertura do festival**

**Hálito Azul** (documentário)

RODRIGO AREIAS (2018 78')

Apresentação e conversa com o realizador

27<sup>sáb</sup>

10:00 **Portugal tem lata** (documentário)

RUI PREGAL DA CUNHA E JOÃO TRABULO (2018 98')

Apresentação e conversa com os realizadores

14:30 **Moby Dick** (ficção)

JOHN HUSTON (1958 116')

15:00 **A rebentação** (documentário)

PAULO FAJARDO (2018 28')

Apresentação e conversa com o realizador

17:00

**Mesa redonda**

“O mar, entre a literatura e o cinema”

CONVIDADOS:

Ana Margarida de Carvalho (escritora)

Abílio Hernandez Cardoso (Universidade de Coimbra)

Rodrigo Areias (realizador)

Moderação: Ana Paula Medeiros

18:30 **Submersos** (ficção)

WIM WENDERS (2018 112')

21:30 **Fogo no Mar** (documentário)

GIANFRANCO ROSI (2016 114')

APRESENTAÇÃO E COMENTÁRIO:

Ana Rodrigues (CNIS)

28<sup>dom</sup>

10:00 **As aventuras de Tintin.**

**O segredo do Licorne**

(animação - sessão infantil)

STEVEN SPIELBERG (2011 107')

Oficina de cinema de animação para crianças

Visita guiada ao Museu Marítimo de Ílhavo

15:00

**Novas Vistas Lumière**

Exibição de filmes a concurso

17:30

**Encerramento**

Mostra de filmes realizados no workshop  
de Iniciação à Realização Cinematográfica

Entrega de Prémios Novas Vistas Lumière

Ensemble de jazz

Conservatório de Música de Aveiro

Calouste Gulbenkian

PRÉMIO  
VISTA LUMIÈRE JOVEM  
(12-15 anos)

*Vai e vem*  
VICTORIA FREITAS

*Impuro*  
LUCAS RIBEIRO

*Um mar para todos*  
LUÍSA VILARINHO

*O local que nos uniu*  
TOMÁS VIOLA

*O mar como companhia*  
TOMÁS VIOLA

*Resquício de uma memória*  
VICTÓRIA FREITAS

*(Falta) vida no mar*  
RODRIGO MOURA

*Regresso emudecido*  
*Grito mudo*  
GABRIEL PINHO  
LUÍS ALMEIDA

PRÉMIO  
NOVA VISTA LUMIÈRE  
(16-18 ANOS)

*Sinais do mar*  
MARIA SOUSA  
BEATRIZ GONÇALVES

*Elegy*  
LEONARDO SIMÕES

*In memorium*  
LEONARDO SIMÕES

*Gostas?*  
CAROLINA PEREIRA  
INÊS TEIXEIRA  
MAFALDA BARROS  
MAFALDA FERREIRA  
MARTA CABRAL

*Tempestade*  
DANIELA CARAMAN

*Entre grades*  
RAFAEL ROLO

PRÉMIO  
VISTA LUMIÈRE  
CATEGORIA DOCUMENTÁRIO  
(+19 ANOS)

*Recife*  
*Sob as ondas*  
CLÁUDIO BRANDÃO

*Museu solitário*  
FERNANDA PONTES

*De volta*  
HÉLDER LUÍS

*Mar addendum*  
BRUNO SANTOS  
MARTA MOTA

*Quem anda devagar*  
*também caminha*  
LAURINDA MARQUES

*Descobrimentos portugueses*  
LEANDRO BRANDÃO

*Desagua*  
MELISSA GANAHA

*Travessia*  
AROLDO SOARES

*MarKalar*  
FRANCISCO FELÍCIO  
RITA MENDES

*Filmar no mar*  
IRIS OCAMPO MAYA

*A pescadora.*  
*Trabalho e sustento*  
LOUYSE GERARDO

*Karma*  
MARCELLO FERREIRA

*Ócio criativo*  
RAFAELLA CAMPOS

*Mar de gente*  
CARLOS MOUTINHO

*O óbvio*  
CASSIA WALESKA

*Marés de democracia*  
MARIA BASTIÃO

*Claro / Escuro*  
*Sem descanso*  
SARA CARNEIRO

*Propagação*  
CAROLINA MARQUES

*Arte e ofício*  
CÉSAR PINTO

*Entre (laços) de vida e mar*  
LAÍS DUARTE

*A saudade que não envelhece*  
*As memórias sem fim*  
LAR DE SÃO JOSÉ

PRÉMIO  
VISTA LUMIÈRE  
CATEGORIA FICÇÃO  
(+19 ANOS)

*Vaga lembrança*  
CASSIA WALESKA

*Areia molhada*  
HELDER LUÍS

*A viagem*  
MARIA CELINA DA SILVA

*Mar de saudades*  
ALESSIO MUGNAINI

*Proibido pescar*  
*O protesto dos peixes*  
PAULO DELGADO

*A mulher que acalma o mar*  
ALBERTO SEIXAS

*Em maré de sorte*  
IRIS OCAMPO MAYA

*Cuidas de mim?*  
MARIA CELINA DA SILVA

*Destino(s)*  
CARLOS MOUTINHO

*O que o mar levou*  
ELIANA BRAVO ARANGO

*Em busca*  
AROLDO SOARES

*Cometas ao mar*  
ELIANA BRAVO ARANGO

*Os ciclos da natureza*  
CÉSAR PINTO

*Volta*  
FRANCISCA CARDOSO LIMA  
JOÃO GARCIA NETO

*Des(encontros)*  
LAÍS DUARTE

*O tempo não pára*  
LOUYSE GERARDO

*Helena*  
RAFAEL CALISTO

*Esporão*  
MARTA MOTA

*As pegadas dos novos*  
*descobridores*  
IONE FERNANDEZ

*Rebocadores*  
RUI MAIO

**museu  
marítimo  
ilhavo**

7 **Apresentação**

10 **O mar no cinema**

12 **O mar que salga a nossa língua (e a literatura, também)**

ANA MARGARIDA DE CARVALHO

**Mesa redonda “O mar entre a literatura e o cinema”**

15 **Livros e filmes que o mar inunda**

ABÍLIO HERNANDEZ CARDOSO

**Mesa redonda “O mar entre a literatura e o cinema”**

18 **O meio marinho**

**Contribuições para a sua conservação**

CATARINA EIRA

20 **A ver o mar**

**Nota de intenções**

ANA LUÍSA OLIVEIRA

ANDRÉ PUERTAS

SARA SANTOS

22 **Portugal tem lata**

RUI PREGAL DA CUNHA

E JOÃO TRABULO

24 **O cais do nosso olhar**

**Manuel da Paula Dias**

26 **Novas Vistas Lumière**

**Filmes selecionados a concurso**

32 **RiaMar - Três fotografias, uma história**

**Trabalhos submetidos a concurso**

36 **Agradecimentos**

# Mar Film Festival 2019

*Mar Film Festival* é uma iniciativa que começa a ganhar corpo e a atingir a maturidade. Este projecto angular do Município de Ílhavo decorre no Museu Marítimo de Ílhavo e procura dar expressão a uma ideia de museu comprometida com a comunidade, aberta à sociedade e empenhada em promover uma cultura do mar plural e atenta à dimensão estética, nomeadamente às imagens em movimento. A terceira edição deste festival de cinema do mar oferece um programa ousado, apelativo e de rasgados horizontes.

A estratégia seguida consiste em qualificar o Festival e fazer dele uma referência nacional. Durante três dias, de 26 a 28 de Abril, o Museu Marítimo de Ílhavo abre-se à comunidade local e cinéfila, aos especialistas e investigadores, às comunidades marítimas e às escolas para mostrar e debater cinema marítimo. Os mais velhos da nossa comunidade terão um protagonismo decisivo nesta edição e certamente nas futuras edições. O programa do Festival incorpora e exprime diversas intenções e inclui propostas originais que não deixarão de proporcionar momentos de descoberta e de encantamento com uma série de filmes que têm o mar como palco ou como chão. Entendido nas suas várias dimensões, o Mar é a referência temática deste evento. Uma referência identitária, económica e ambiental. É nestas várias dimensões culturais (da Cultura em sentido amplo) que o Mar é abordado no Cinema, não só em obras de ficção, como nas documentais.

Ancorado num projeto cultural que tem como referência a ideia de conservação memorial, o Museu Marítimo desafia-se a lançar as bases de um novo rumo, alinhado com o desafio da literacia azul, conceito sedutor que significa educação informal para a ciência e cultura marítimas, implicando a participação das novas gerações. Através das suas várias secções, o programa permite trabalhar o Mar, mas também a Ria, seja numa perspetiva memorial, seja numa abordagem contemporânea.

A ideia de *Mar Film Festival* nasceu da intenção de proporcionar à comunidade de públicos do Museu Marítimo de Ílhavo, à região da Ria de Aveiro e à sociedade portuguesa em geral um festival único, capaz de criar raízes e de mobilizar diversos públicos. Mais do que um sítio, Ílhavo é um lugar e o Museu Marítimo é, sem dúvida, o seu emblema identitário, um lugar de síntese entre a maritimidade local e nacional. Nascido no lugar certo, num território onde os imaginários marítimos se fazem de experiências humanas concretas, este Festival tem por objectivo socializar uma cultura do mar inclusiva, capaz de conjugar diversas linguagens e de despertar inquietações com o mar que vemos e imaginamos. Além da exibição de diversos filmes recentes, portugueses e estrangeiros, e da presença de realizadores e críticos em momentos de conversa com o público, o programa inclui uma dimensão educativa importante, especialmente relacionada com o nosso comprometimento cívico com o destino do Oceano. Essa expressão educativa oferecida às escolas e à comunidade traduz-se em dois concursos de intenção complementar: *Memórias de RiaMar* e *Novas Vistas Lumière*, ambos mais atractivos do que nunca na presente edição e muito participados. A edição 2019 conta com duas novidades: o “Workshop de Iniciação à Realização Cinematográfica” e a Mesa Redonda sobre “O Mar entre a Literatura e o Cinema”. Ambas as iniciativas pretendem atingir novos públicos, qualificar o Festival e o seu programa. *Mar Film Festival* é um projeto co-financiado pelo FEDER, através do Centro 2020 - integrado no Projeto “Territórios com História: o Mar, as Pescas e as Comunidades”. *Mar Film Festival* é um projecto cultural substantivo cuja curadoria pertence a Jorge Seabra, historiador do cinema e investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra. Ao Jorge e à equipa de trabalho do Museu Marítimo de Ílhavo e da Câmara Municipal que, em conjunto, produziram *Mar Film Festival*, aqui fica o nosso agradecimento.

Unidade de Direção  
do Museu Marítimo de Ílhavo







# Mar Film Festival

## Uma marca em afirmação?

*Mar Film Festival* é um festival que se destaca pelo referente temático, sem equivalente nacional ou internacional, que coloca em perspectiva as representações cinematográficas sobre o mar, com uma estratégia muito clara de dar a conhecer os territórios que convivem com a maritimidade, com a memória das gentes, estimulando o diálogo entre gerações, ou divulgando a multiplicidade de relações que povos e culturas desenvolvem com os oceanos. Apresenta também um potencial concursal único, que teve nesta 3ª edição perto de uma centena de submissões no seu principal concurso, a secção *Novas Vistas Lumière*, competição que não terá provavelmente paralelo no universo de festivais cinematográficos. Parece-nos inegável que o crescente interesse neste concurso radica no desafio às fórmulas contemporâneas de criação fílmica e conduz os concorrentes à essência do cinema.

Na esteira das edições anteriores, a de 2019 dá continuidade a estas ideias. *Novas Vistas Lumière*, Memórias de RiaMar, O cais do nosso olhar, O mar no cinema, Literatura e Cinema com o mar em fundo, o Mediterrâneo e a crise migratória, um workshop sobre iniciação à realização cinematográfica, a promoção de estreias, debates, conversas com realizadores, escritores e investigadores, a abertura de espaços aos mais pequenos através da banda desenhada são, em conjunto, as variantes que animam esta festa do cinema que privilegia o mar como referente estético, cultural e identitário.

Diríamos que *Mar Film Festival* é uma marca com especificidade e capacidade de afirmação, assente nesta estratégia que convoca todos os mares, culturas e territórios que têm sido objeto de representação através da imagem em movimento, potenciando simultaneamente as valências que o definem, numa perspectiva de continuidade e consolidação.

No tempo em que vivemos, onde nos chegamos conteúdos fílmicos ao conforto da nossa casa através das redes de distribuição que operam neste setor, *Mar Film Festival* proporciona uma experiência cinematográfica distinta. Enquanto nestas, a estratégia passa apenas pela difusão de filmes, sem qualquer contextualização ou aprofundamento, este festival oferece a possibilidade de o público dialogar com os autores das obras, ou reunindo à mesma mesa personalidades de diferentes proveniências a propósito de um tema fílmico.

*Mar Film Festival* é um festival que se diferencia também pela dimensão formativa que oferece. No domínio do cinema, proporciona encontros com realizadores, concursos e workshops que favorecem o enriquecimento da cultura cinéfila, cada vez mais deficitária entre jovens e adultos. No campo da literacia azul, programa sessões com a participação de especialistas na área, promovendo o debate e o aprofundamento de temas da agenda dos oceanos.

Desta forma, pensamos que o festival está a criar os seus públicos, facto diretamente dependente da continuidade e estratégia diferenciadora enunciadas, bem como da utilização de meios que confirmam visibilidade a *Mar Film Festival* enquanto marca e conceito.

A 3ª edição está ao dispor e à apreciação de todos. Finalizando como começámos, existe uma ideia estratégica que nos parece mobilizadora e dinâmica, através da qual é possível gizar diversos percursos e alternativas. Há um caminho a percorrer, no trilho daquilo que constitui a essência de um festival de cinema, mas que julgamos, pelas características apontadas, poder colocar *Mar Film Festival*, o Museu Marítimo de Ílhavo, e a cidade onde tem lugar, no mapa dos eventos nacionais e internacionais que se realizam anualmente sobre cinema.

**Jorge Seabra**

Mar Film Festival | Curador  
UC | CEIS20 | ESTA

# O Mar no Cinema



O mar, como referente literário ou cinematográfico, é sempre um tema onde a relação com o território, a memória e a identidade dos povos e culturas é uma âncora determinante.

Falar do mar, a partir de filmes ou de livros, é como se usássemos estes meios para pensar sobre nós como habitantes do planeta.

The image features a large, abstract graphic composed of numerous thin, teal-colored lines. These lines are arranged in a series of concentric, wavy arcs that form a large, irregular circular shape. The lines are more densely packed in some areas, creating a sense of depth and movement. The background is a solid, light teal color. On the left side, the letter 'a' is partially visible, suggesting it is part of a larger word or logo.

**a**

# O mar que salga a nossa língua (e a literatura, também)



ANA MARGARIDA DE CARVALHO

## Mesa redonda “O mar entre a literatura e o cinema”

Muito antes de Ismael embarcar no Pequod, muito antes de aparecer o misterioso capitão Ahab, com a sua perna única e a sua sede de vingança, também única, ou o selvagem adorador de ídolos Queeque, ou, claro, a própria Moby-Dick – aliás, para Melville introduzir em cena a célebre baleia branca, a personagem central do seu livro, terão de percorrer-se 500 léguas submarinas, que é como quem diz, quinhentas páginas... Muito antes de tudo isto acontecer, há um capítulo neste romance – que é um tratado sobre a natureza marítima (e sobre a humana também, quando com o mar ela se cruza) – em que Ismael se surpreende com a multidão de cidadãos de Manhattan, numa sonolenta tarde de Domingo, concentrados, como sentinelas, postados, hipnotizados, nas periferias da cidade, a contemplar o oceano. «Nada os satisfaz senão o limiar extremo da terra»: «Que coisa bizarra»; «Que força os arrasta para este lugar?»; «Será que são atraídos pelas agulhas magnéticas das bússolas de todos os navios?»...

Noutro clássico da literatura mundial, a força do mar, aquele que se lavra duramente, como se terra fosse, pode ler-se uma passagem, na história do homem moribundo que mesmo com toda a fraqueza, a sua pele descarnada de músculos retesados, não desiste de se oferecer, a si, e as suas derradeiras forças antes de morrer, ao irresistível chamamento do mar (O Velho e o Mar, Ernest Hemingway): «Porque há pássaros tão delicados e finos como essas andorinhas, quando o oceano pode ser tão cruel? É gentil e muito belo. Mas sabe ser tão cruel, e sê-lo tão de súbito, que tais pássaros que voam e mergulham à caça, com as suas vizinhas tristes, são demasiado delicados para o mar». Sempre pensava no mar como \*la mar\*, que é o que o povo lhe chama em espanhol, quando o ama. Às vezes, aqueles que gostam do mar dizem mal dele, mas sempre o dizem como se ele fosse mulher. Alguns dos pescadores mais novos, os que usam bóias por flutuadores e têm barcos a motor, comprados quando os fígados de tubarão davam muito dinheiro, dizem \*el mar\*, que é masculino. Falavam dele como de um antagonista, um lugar, até um inimigo. Mas o velho sempre pensava no mar como feminino, como algo que

entrega ou recusa favores supremos, e, se tresvariava ou fazia maldades era porque não podia deixar de as fazer».

Não é preciso ser professor de metafísica, nem marinheiro, nem poeta para saber que a água é o melhor dissolvente das meditações humanas. A água é boa condutora, até de pensamentos. Nela se espelham infelizes Narcisos, e outros «fantasmas inacessíveis da vida», «a chave de todo o enigma». Para perceber isto não é preciso ser Melville, nem Hemingway, nem professor de metafísica, nem marinheiro, nem poeta – nem portugueses.

É fácil encontrar o caminho marítimo para a literatura portuguesa. Biliões de quilómetros cúbicos de água salgada com letras lá dentro. E com muito sangue, suor, lágrimas à mistura. A nossa literatura rima com mar.

Nesta «nesga de terra debruada de mar» (Miguel Torga), neste «país de marinheiros» (António Nobre), «Este não haver regresso/do verbo navegar/ País do avesso/ só mar», (Manuel Alegre), onde «a terra acaba e o mar começa» (Luís Vaz de Camões), que se «deita com a cabeceira voltada para o Norte e os pés a mergulharem no Atlântico» (Nuno Júdice), já nos habituámos a este sussurro marítimo como perpétua banda sonora da nossa existência colectiva. A humidade do Atlântico corrói-nos a alma, e deixa rastros na literatura, como as infiltrações nas casas. Somos estes seres metidabundos, de que falava Melville, com cracas nos dedos e algas nos cabelos, sempre assarapantados por brisas oceânicas, e olhos rasos de maresia. «Os portugueses têm um berço pequeno para nascer e um mundo inteiro para morrer» (Padre António Vieira).

O mar invadiu-nos a História quando nós o invadimos a ele. Encurralados por Espanha, seguimos em frente. Perdemos as graças do mar, tal como o velho de Hemingway, porque cometemos o atrevimento de desafiar a sua irritabilidade. Ficou o país submerso em cloreto de sódio, «e quanto do teu sal são lágrimas de Portugal» (Fernando Pessoa).

O mar-prisão tornou-se mar-evasão, mas também mar-sepultura. «Se o Oceano em vez de água fosse estrada, estaria toda calçada de ossos dos Portugueses» (Diogo de Couto).

Tão temível quanto sedutora - «Deus aos mares os abismos deu, mas nele é que espelhou os céus» (Fernando Pessoa) -, poucos foram os poetas portugueses que não escreveram sobre este deserto líquido e salgado que se oferta e que se nega. O mar nos nossos poetas sempre foi mais o da tormenta que o da bonança. «Que importa a fúria do mar» (Zeca Afonso), só a sua definição técnica parece um verso: «s.m.(lat. Mare). Grande massa de água salgada que cobre a maior parte de superfície da Terra» (Dicionário Ilustrado Luso-Brasileiro).

O mar é transparente, mas parece azul por reflexo do céu. Também pode ser verde, depende das algas transportadas ou do grau da poluição. Tem os abismos do subconsciente, a metamorfose contínua da superfície, por efeito das pressões, dos ventos e das luas. Tem grutas e recifes de coral. Destroços de naufrágios, despojos da humanidade a boiar. Às vezes, convulsiona-se, outras estagna-se. Erguem-se vagas que se elevam a 18 metros de altura, outras calmarias de tédio e pavor. Em poucos minutos ensaia-se uma tempestade, emissária da fúrias dos Deuses, depois tudo se dissipa como uma bruma imponderável. Recomeça sempre, cópia infinita desde os princípios dos tempos, ondulação sem repouso, em cada onda um reinício do ciclo eterno, com a cadência de um verso. Tudo transita, tudo recomeça, tudo se dissolve, tudo se funde na ambivalência. É povoado por excêntricas criaturas, cardumes, espécies comedoras e espécies comidas, anêmonas, medusas, crustáceos, florestas submarinas, sereias, baleias gigantes. É navegada por Caronte, Jonas devorado pela baleia e depois vomitado, Ulisses, Calipso, e outros argonautas. O mar é literariamente arável. O mar é a mais extensa, a mais líquida e habitada das metáforas.

«Já a vista, pouco e pouco, se desterra/ Daqueles pátrios montes, que ficavam;/ Ficava o caro Tejo e a fresca serra/ De Sintra, e nela os olhos se alongavam./ Ficava-nos também na amada terra/ O coração, que as mágoas lá deixavam./ E já depois que toda se escondeu,/ Não vimos mais, enfim, que mar e céu.» (Lusíadas, canto V). Os navegadores deram novos mundos ao mundo, a literatura portuguesa deu novos mares ao mar. Para além, do Mar de Bering, do Mar de Creta, do Mar Báltico, do Mar dos Sargãos, passou a existir o Mar do Assombro, o Mar da Saudade, o Mar da Memória, o Mar do Possível e do Impossível. Tudo mares onde a navegação poética é permitida, sem estar ao abrigo de nenhuma cláusula do Direito Internacional.

Já nos alvares da literatura lusa, entre os trovadores palacianos das cortes, que os poemas vêm salpicados de mar. Depois de secos raspa-se o sal das Barcarolas ou Marinhas, uma espécie de Cantiga de Amigo, da tradição lírica medieval galeco-portuguesa, em que sempre se lamenta da ausência do amado e a sua demora, e se pede novas às ondas.

Mas uma coisa é escrever o mar das suas margens, outra é escrevê-lo quando se embarca nele, como

o velho de Hemingway, como Ismaele de Melville. Por mais que tenha sido adulado por poetas inebriados, o mar nunca retribuiu. Indiferente a todos os louvores e à constante adulação, não conhece compaixão, nem fidelidade, nem lei. Sem remorsos, engana e trai. Devorou frotas e vidas, com um apetite insaciável. O mar é muito temperamental. E Descobrimentos passou a rimar com sofrimentos.

Em contraponto à sublime elegia épica dos Lusíadas, que gerações e gerações de crianças portuguesas aprenderam a transformar numa gigantesca equação de métricas, oitavas e decassílabos, está a nudez crua da História Trágico-Marítima. Nessa antologia de relatos do século XVI e XVII, coligidos por Bernardo Gomes de Brito, a grande expedição dos portugueses «por mares nunca dantes navegados» aparece despida dessa magnanimidade. E foram tantas as narrações sobre naufrágios, batalhas e navegações que chegaram a tornar-se um género literário autónomo. Dificilmente haverá uma abundância assim em literaturas de outros países. E na História Trágico-Marítima não se descarregam as desgraças na ruindade marinha. As culpas são distribuídas, lançadas em muitos casos a esta estranha forma de vida de se ser Português. Muitos dos trágicos naufrágios, sobretudo na rota da Índia, se devia à carga excessiva das embarcações. À vil cobiça, e à vã glória de mandar. Os carregamentos eram mais do que prometia a força das frágeis naus. Ganância, incúria e ignorância. Ou as reparações dos costados dos navios eram superficiais, hoje dir-se-ia, meramente cosméticas. E a improvisação dos remendos logo se revelava ao menor temporal. «Enfeitam o dano de maneira que pareça bem consertado, e debaixo dele fica a perdição escondida e certa». Ou a longa permanência aquática deixavam apodrecidas as madeiras, e a acção do mar, por fora, associava-se, em funesta cumplicidade, com a ardência das pimentas que carcomia o casco, por dentro. Tal era o delírio da sobrecarga dos portugueses que até espantava os piratas: «Que nação haverá no mundo tão bárbara e cobiçosa que cometa passar o Cabo da Boa Esperança, metidos no profundo do mar com carga, pondo as vidas a tão provável risco de as perder, só por cobiça; e por isso não é maravilha que percais tantas naus e tantas vidas».

A História Trágico-Marítima é um memorial naval. O que é o mesmo que dizer: um estendal de desgraças. Fala-se no desmazelo daqueles que não traziam, para essa viagem de anos até à Índia, velas sobresselentes, nem pregaduras para as consertar, oficiais que se afastavam da frota na ânsia de chegar primeiro e de logo arrebataram mercadorias, na teimosia de pilotos que teimavam em conduzir o barco nem para bom nem para mau porto – para nenhum. E os corsários ingleses, holandeses, franceses e turcos a vê-los passar. Das páginas despega-se o cheiro do mar, mas também o da podridão, e a vozearia, os gritos, os terrores, os prantos angustiosos dos náufragos. Diogo de Couto que foi contemporâneo de Camões, conta uma das mais dramáticas situações, aquando do naufrágio da nau S. Tomé. De nada serviu terem aliado a carga preciosa, o navio começou a meter água. Dando-o como perdido, os nobres apoderaram-se do batel. Ia a bordo a caminho



do reino D. Joana de Mendoça que para ser amarrada e descer ao bote passou a filha de dois anos para os braços da ama. Sabendo que não iria ser salva, como a maioria da tripulação, a ama recusou-se a devolver a criança à mãe «que muito lho pediu com lágrimas e piadades, que puderam mover um tigre». Por várias vezes, marinheiros do batel nadaram e regressaram ao navio semi-afundado a buscar água e mantimentos, mas nunca trouxeram a menina, «porque os mais destes homens são deshumanos e cruéis por natureza». No batel, os oficiais aliviavam a carga humana, deitavam homens borda fora, até o bote estabilizar. E à vista de todos, a água engoliu de um sorvo a nau inteira. E com ela a menina de D. Joana, presa aos braços da ama.

«Fomos ao rio de Meca, pelejámos e roubámos» (Gil Vicente, Auto da Índia). Os marinheiros, traficantes do oriente, não levavam a poesia embarcada: «São os homens do mar mui semelhantes às mulheres nos tempos dos seus partos, em suas mui estranhas e grandíssimas dores, que juram, se daquela escapam, não terão mais cópula nem ajuntamento com varão. Assim nestes perigos tão evidentes e de tanto temor e espanto, qual há aí que não jure e prometa de nunca tal lhe acontecer e nem em outra tal se achar? O que, passado, passou-se, e acabou-se a memória de tudo, e tudo são folias, pandeiros e zombarias».

Fernão Mendes Pinto foi outro dos anti-heróis desta literatura marítima. Dos seus 21 anos de Peregrinação por terras do oriente, «treze vezes cativo e dezassete vendido nas partes da Índia, Etiópia e outras províncias...». Foi vagabundo, embaixador, criado de fidalgo, escravo, mercador, pirata nos mares da China. Um português à deriva, e a sucessão de aventuras encadeiam-se uma após outra, como se sucedem as ondas. Não há aqui réstia da nobreza lusa que os grandes poetas cantaram. Nem um décimo de dignidade do homem do leme que enfrenta o Mostrengo. «Aqui ao leme sou mais do que eu: /Sou um povo que quer o mar que é teu;/ E mais que o mostrengo, que me a alma teme//E roda nas trevas do fim do mundo,/Manda a vontade, que me ata ao leme,/De El-Rei D. João Segundo!» (Fernando Pessoa). A Fernão «tremiam-lhe as carnes», para salvar a vida era capaz de se rojar aos pés do inimigo, de caluniar o amigo, de prometer voltar à indígena com o filho dele nos braços, sem escrúpulos, nem pinga de brio nem de grandeza... Pediu esmola, roubou «com o nome de Jesus na boca e no coração», profana mausoléus. Além do mais é mitómano - ou descrentes somos nós - «porque a gente que viu pouco do mundo, como viu pouco também costuma dar pouco crédito ao muito que outros viram» - o que só o torna das personagens mais interessantes da nossa literatura marítima.

Obstáculo das grandes empresas, símbolo da inquietude humana: o mar. Bem que bradava do Restelo o velho: «Dura inquietação d'alma e da vida/ Fonte de desamparos e adultérios/ sagaz consumidora conhecida/ de fazendas, reinos e de impérios!»

Neste «mar e mar», de «ir e voltar» (Alexandre O'Neil quase transformou um slogan num provérbio), muita água correu debaixo das penas dos escritores portugueses. Séculos depois, em Os Pescadores,

Raul Brandão regressa à narrativa dilacerante de naufrágios, de vagalhões de meter medo na barra, de ventania rija, do alarido aflito das mulheres na praia da Póvoa. «Dominando a ventania, o bramido do mar ecoa cada vez mais alto: é outra voz imensa e trágica, clamorosa e trágica...». «Ai, meu rico filho que não o torno a ver», acode o mulherio que gemem e choram com as saias ensopadas pela cabeça: «Vidas de sobressalto, o coração retalhado, correndo sempre a costa, primeiro pelos homens, mais tarde pelos filhos e depois pobres destroços sem serventia pelos netos, mal podendo já com a carcaça, e vendo-os desaparecer um a um naquela mar profundo». Mas o mar e o céu exigiam desgraça. «Não é a tempestade, é a ameaça; não é a desordem, é o pavor suspenso».

Como céu e mar, «inseparáveis de um olhar mais vasto», assim está geminado o oceano com a poesia portuguesa. Porque «o mar invade tudo mas por dentro» (Armando da Silva Carvalho): «Gotas marítimas notavam-se/ no brilho das pulseiras/ de uma amante/ líquido miúdo mas brilhante/ até nas varizes das peixeiras». Herberto Helder, em Passos em Volta, surrealizou esta nossa incestuosa relação na história do casal de cães que tinha um marinheiro para guardar o jardim: «Não se deve deixar um marinheiro à solta no jardim, que fica perto do mar. Um marinheiro é uma criatura derivada por sufiação, e pode requear-se o poder do elemento base: o radical mar. Em vez de guardar o jardim, ele acabaria por fugir para o mar». Ruy Belo escreveu Morte ao Meio-dia: «O meu país é o que o mar não quer/ é o pescador cuspidor à praia à luz do dia/ pois a areia cresceu e a gente em vão requer/ curvada o que de frente erguida já lhe pertencia». E depois há o mar de Sophia, que não tem nada a ver com nenhum outro. É um mar inominável e único. O mar de Sophia, simplesmente. O mar de mergulhar de olhos abertos. O mar da contemplação, da divagação, do infinito, da mitologia grega, das criaturas das profundezas: «No fundo do mar há brancos pavores, Onde as plantas são animais / E os animais são flores// Mas por mais bela que seja cada coisa/ tem um monstro em si suspenso». Sophia fazia como esses navegadores do século XV, navegava sempre com a terra à vista. Mareia à bolina. É da praia, depósito de sedimentos da infância, que ela contempla os oceanos - os do Atlântico nortenho e agreste, os do Mediterrâneo, imensamente azuis. As águas em Sophia estão sempre inundadas de tranquilidade. Não há tormentas, nem cabos a dobrar, só a busca da pureza e da luz primordial em ilhas misteriosas. «Dia do mar do meu quarto-cubo/ onde os meus gestos sonâmbulos deslizam/ entre o animal e a flor como medusas. /Dia do mar no ar, dia alto/ onde os meus gestos são gaivotas que se perdem/ Rolando sobre as ondas, sobre as nuvens». Do poesia de Sophia vê-se o mar de anêmonas, medusas e corais. De casas brancas e flores marinhas. Ou como melhor disse, um dia Virgílio Ferreira: «Da minha língua vê-se o mar».

**Ana Margarida de Carvalho**

# Livros e filmes que o mar inunda



ABÍLIO HERNANDEZ CARDOSO

## Mesa redonda “O mar entre a literatura e o cinema”

É vasto, heterogêneo e luminoso o território das artes, atravessado por fronteiras porosas que separam sem verdadeiramente separar, que unem sem unificar, que absorvem e contaminam.

O mar derrama-se por esse território: da música à pintura, como da literatura ao cinema. Lugar de morte ou espaço de liberdade, corpo de mil metáforas, ele mesmo a mais líquida, a mais extensa e a mais habitada das metáforas, diz-me Ana Margarida de Carvalho em *Que importa a fúria do mar*, o mar invade as palavras dos livros e as imagens dos filmes, inundando-os e inundando o nosso olhar. Está por isso menos entre a literatura e o cinema e mais dentro de uma e de outro, transbordando, contaminando.

Nele, cercados por ele ou contemplando-o, incontáveis personagens cumprem os seus destinos: Ulisses, no regresso a Ítaca, onde Penélope o espera; Ícaro, afogando no mar o sonho de voar até ao sol; Ahab, perseguindo a grande Baleia branca e a morte; Marlow, que embarca no veleiro Nellie em direção ao coração das trevas e se depara com o horror; Charlot, navegando em busca do american dream que afinal só existia nos seus sonhos de vagabundo; Leopold Bloom, cumprindo a odisseia do Ulisses moderno vagueando um dia inteiro pelas ruas líquidas de Dublin, sabendo que Molly, a sua Penélope, tece a colcha do adultério em sua própria casa e tudo estará consumado às quatro da tarde; Aschenbach, confundindo a beleza infinita do mar com a de Tadzio; os marinheiros do Potemkine cruzando mares em luta pela liberdade; os pescadores pobres de Stromboli (mas haverá pescadores que não sejam pobres?), que esquartejam o atum sob o olhar de uma Ingrid Bergman que busca a sua própria salvação; o velho Santiago, que trava no mar a última batalha contra o grande espadarte para afirmar a vida, nem que para tanto tenha que morrer; Antonius Block, o cavaleiro regressado das cruzadas, tentando adiar a morte num jogo de xadrez com o ceifeiro de manto negro que o vem buscar à praia, no instante preciso em que o voo silencioso de uma águia sobre o mar anuncia que o cordeiro abriu o sétimo selo e se fizera no céu um silêncio de cerca de meia-hora.

E Agnès, contemplando um mar sereno nas praias dos seus 80 anos de vida preenchida.

A lista, a fazer-se, não teria fim. Escolho, por isso, quatro exemplos, quatro andamentos, dois fílmicos e dois literários.

### Primeiro andamento

Sozinho na praia de Sandymount, Dublin, Stephen Dedalus olha o mar. Estamos no reino de Proteu, mas também no da escrita joyciana, esquiva e infinitamente mutável como o velho guardador de focas e de monstros marinhos: como capturar o que é multiforme? Como captar a mutabilidade do real de que o mar parece ser a metáfora líquida? Como fixar o infixável? Ao contrário de Proteu perante a insistência de Menelau, o mar não responde a Dedalus. E assim tudo muda na praia de Sandymount, a começar pelas palavras, quando os advérbios se tornam verbos: I am almosting it. Estou quasequaseando-o.

Mas também o mar: mardeovas, marsargaço, verdemuco, cordevinho, azuldeprata, ferrugem, perante o qual Dedalus sente a vertigem do transitório e do contingente e com ela o medo intransponível de viver;

E mudam os animais: o cão – um god que se transforma em dog – que ora trota como um cavalo ora corre como uma lebre, para logo responder ao assobio do dono com a atitude expectante de um gamo e acabar por se transformar numa raposa, escavando na areia com a fúria de um leopardo, na tentativa de enterrar a carcaça de um outro cão, este morto, ah, poor dogsbody's body.

E nem Deus escapa à mudança: “Deus feito homem feito peixe feito ganso bernaca feito montanha colchão de penas” God becomes man becomes fish becomes barnacle goose becomes featherbed mountain.

## Segundo andamento

Antoine Doinel corre, em longa fuga solitária, em direção ao mar que nunca vira. Saberá ele que vai em direção ao mar? Corre. No belo derradeiro plano de *Les 400 coups*, a câmara de Truffaut, depois de momentos antes ter varrido lentamente o mar de lado a lado do ecrã, congela no rosto do rapazinho, de costas para o mar e olhar fixo na câmara, isto é, em mim, em nós, no mundo inteiro.

Como compreender esse olhar? Desafio? Cansaço? Apelo a um mundo que o deixa só perante a barreira intransponível daquele mar? E o mar? Símbolo da libertação do reformatório de onde fugira? Mas, então, por que razão o rapaz lhe vira as costas? O mar, o olhar de Antoine e a câmara de Truffaut deixam-nos como Dedalus em *Sandymount*: sem resposta e com o olhar inundado pela beleza do mar...

## Terceiro andamento

Um navio de sombra rasga, silencioso, as águas negras do mar. Traz *Nosferatu*, que transporta no corpo a morte e no coração o rosto de Ellen, que sabe de cor, e se dissolverá em pó, ao primeiro raio de sol da manhã, tocado pela luz da paixão irredimível.

Sozinha, Ellen aguarda na praia, olhando, não a terra, por onde o marido vem de regresso a casa, mas o mar que, com o vampiro, traz a peste e o desejo. Hutter, o marido, deseja dinheiro. *Nosferatu*, o vampiro, deseja Ellen. Ellen deseja o desejo, a entrega absoluta. O mar é a estrada de água que separa Ellen de Hutter e a aproxima de *Nosferatu*.

O que há de perturbador no encontro de Ellen com o absolutamente Outro que *Nosferatu* representa é que o resultado só pode ser o reconhecimento mútuo ou a morte. Quem encontra Outrem apenas pode dirigir-se-lhe pela violência mortal ou pelo dom da palavra em seu acolhimento, diz Blanchot (*L'Entretien infini*).

Na perspetiva lacaniana, os vampiros são criaturas de pulção, não de desejo. Mas o vampiro que as águas do mar transportam não obedece a este modelo e por isso ser-lhe-á fatal o desejo por Ellen, que bem poderia dizer, como a amada do Cântico dos Cânticos, dirigindo-se às mulheres de Jerusalém,

Não me olheis porque sou negra,

Porque o sol me olhou. (1:6).

No final do filme de Murnau, consumado o desejo, o mesmo sol queimará, sem remissão, o corpo encarquilhado de *Nosferatu*.

No meio dos meus seios ele passará a noite (1:13),

diz a amada do poema,

E o fruto dele era doce na minha garganta (2:3)

Pois eu <estou> ferida de amor (2:5)

...a mão direita dele me agarrará (2:6)

(Trad. de Frederico Lourenço).

Talvez pareça insensato estabelecer este elo entre o mais belo dos poemas de amor e o mais belo dos filmes de vampiros. Mas só poderá estranhá-lo quem nunca viu o plano sublime em que a sombra da mão de *Nosferatu* desce em garra sobre o peito ofegante de Ellen, apertando-o e nele permanecendo até que o mais improvável dos amantes se perca por amor como o mais comum dos mortais:

Põe-me como selo no teu coração,

Como selo no teu braço.

diz a amada,

porque forte como a morte <é> amor (8:6).

Ao nascer do dia, a mão em garra de *Nosferatu*, que gravara o seu selo no peito de Ellen, grava-o agora no seu próprio peito. De pé, exposto ao sol da manhã, este absolutamente Outro dissolve-se em pó, tocado pela luz da paixão irredimível. Assim como o negrume do mar anunciara a sua chegada, o canto matinal do galo anuncia a sua morte. Mas *Nosferatu* não morre como um vampiro (os vampiros são mortos com uma estaca cravada no coração), morre como um homem que leva a mão ao coração e aceita a ferida fatal. Para um ser Outro, tão absurdamente frágil e tão absolutamente Outro, não há lugar neste mundo.

Tal como no Cântico dos Cânticos, o amor é tão forte como a morte, mas não mais forte do que ela. O amor não vence a morte, porque – escreve Levinas (*La mort et le temps*) – isso seria conferir a uma perda um sentido que a tornasse suportável. Por isso, nenhum deles, o amor e a morte, triunfa sobre o outro. A morte que me diz respeito, escreve ainda Levinas, não é a minha mas a do Outro a quem amo. A morte da amada ou do amado origina naquele que sobrevive uma culpabilidade sem falta. Mas ainda que a morte me dilacere, ela não vence o amor e este não vence a morte. E no entanto a morte não é um puro nada. Alguma coisa persiste: o reconhecimento do Outro absoluto, exposto na brutal deformidade do seu corpo.

## Quarto andamento

O mar é para Joaquim e seus camaradas uma longa estrada em direção à privação total da liberdade, à tortura, à humilhação, à brutalidade absoluta, a tudo quanto cabe numa só palavra: Tarrafal. E, no entanto, que importa para Joaquim a fúria daquele mar, se, antes da viagem para o campo de concentração, ele e os seus camaradas já conheciam a prisão, a tortura e a humilhação?

Que importa para Joaquim a fúria do mar se tudo nele se concentra na Luísa da Aldeia de Vale de Éguas, Marinha Grande, e nas cartas de amor que ele lhe escrevera e conseguira lançar borda fora do comboio, nas ventas dos guardas e dos pides que o vigiavam e aos camaradas que com ele haviam ousado revoltar-se contra o regime fascista do recém-proclamado Estado Novo?

A história destes homens aporta aos meus olhos e ouvidos de leitor, não diretamente, pela boca envelhecida de Joaquim, mas por interposta memória, a de Eugénia, jornalista televisiva, que não sabe bem –



diz-me a voz narrativa do romance de Ana Margarida de Carvalho – se havia crianças no campo de concentração do Tarrafal, nem sequer o que seja um operário, serão parecidos com o homem lá da garagem que lhe atavia o carro quando o leva à revisão, pensa ela.

Desta história e do mar entre Lisboa e a ilha de Santiago vai-se libertando a memória da História contemporânea de Portugal: a revolta dos operários da Marinha Grande, em 1934, e a dos marinheiros da Armada em 1936.

As personagens constroem-se e navegam no romance ao ritmo da ondulação de uma escrita tão poderosa como o mar:

Joaquim, que de tanto guerrear já não sabe fazer as pazes.

Eugénia, Meto-me em cada uma, mãe... O mar é como tu, mãe. Sem remorsos.

Lourenço, o homem do coletivo e da doutrina inflexível;

Francisco, o mais frágil de todos, Maria Silvestre, querida irmã não te escrevo a dizer que já não volto a voar... Lembras-te de me dizeres que a morte é um cão preto preso num quintal? Há dias que o ouço a ladrar;

E Luísa, com olhos de pobreza e muda, não, afinal não era muda, só estúpida, perante um pobre Ulisses sem Penélope nem um Argos velho e cego que o acolha;

E o caixa de óculos, que dez anos antes encontrara o pacote com as cartas que Luísa agora devolve, embrulhado numa serapilheira suja e oleosa, o homem sem importância que nem nome tem e que estando dentro está fora do romance, remetido por demiúrgica decisão para uma espécie de prólogo e uma espécie de epílogo...

Na verdade, não importa a fúria do mar. Estas criaturas ficcionais e as suas histórias reais sobreviverão na memória de cada leitor sob a forma de uma escrita esplendidamente tecida, a escrita que as criou, e ficarão guardadas no lugar onde se guardam os estilhaços de palavras que nos entram pelo corpo dentro ao longo da vida.

### **Coda**

Quando, ante a inelutável mutabilidade do real, Dedalus clama para dentro de si shut your eyes and see, fecha os olhos e vê, as palavras soam como um grito de socorro perante a iminência do seu naufrágio interior.

Quando Ellen interroga o mar é a morte que lhe responde sem que ela ainda o saiba.

Quando Antoine vira as costas ao mar e me olha fixamente, é o próprio cinema que devolve o meu olhar de espectador e me convoca para uma interrogação do real.

Quando Joaquim, que no Tarrafal lutara pela vida sem capitular, regressa à sua Ítaca e recebe de Luísa as cartas que lhe escrevera dez anos antes, a ilusão que o mantivera vivo escorre agora por entre os seus dedos

velhos. De repente, tudo pareceu fazer sentido, leio. Desceu a ladeira a correr, sentiu o vento fresco na cara. Talvez fosse ver o mar. O romance termina com estas palavras e eu, leitor, não posso acompanhar Joaquim na sua corrida para o mar. Fechará os olhos como Dedalus para ver melhor? Olhará o mar como Ellen, se já não há ninguém para esperar? Talvez, simplesmente, Joaquim escolha virar-lhe as costas e olhar-me e ao mundo todo fixamente, interrogando a nossa frágil condição humana.

### **Abílio Hernandez Cardoso**

Universidade de Coimbra

# O meio marinho

## Contribuições para a sua conservação

O meio marinho é um sistema bastante diversificado, com cadeias tróficas complexas e constitui por si mesmo um recurso fundamental para o desenvolvimento das sociedades atuais. Assim, torna-se crucial entender o funcionamento deste meio e entender o papel dos vários organismos que o utilizam. Os efeitos do aumento da pressão humana sobre os sistemas marinhos tem alertado para a necessidade de desenvolver esforços de conservação ambiental. As espécies marinhas que utilizam zonas costeiras sob influência de atividades humanas são particularmente vulneráveis e a sua conservação é um processo complexo e em constante mutação. O desenvolvimento de novas tecnologias e o aumento da exploração de recursos adiciona novas componentes de pressão sobre os oceanos e sobre as espécies marinhas.

A conservação eficaz das espécies marinhas depende do conhecimento de vários aspectos da sua ecologia populacional e do impacto das atividades humanas sobre as suas populações. Para alguns predadores marinhos, pormenores da sua complexa história natural são ainda desconhecidos, particularmente nas espécies que desenvolvem todo o seu ciclo de vida no Oceano. No caso das aves marinhas, é possível obter informação adicional sobre algumas espécies nos períodos em que permanecem nos seus locais de nidificação em terra. No entanto, uma boa parte do conhecimento que existe sobre cetáceos, tartarugas e aves marinhas resulta do estudo de indivíduos encontrados vivos ou mortos nas praias. Na região de Aveiro, todos os animais encontrados arrojados vivos são resgatados para o Centro de Reabilitação de Animais Marinhas do ECOMARE. No caso dos animais arrojados mortos, estes são também recolhidos e sujeitos as análises para determinar a sua causa de morte e para recolher informação sobre os indivíduos e sobre as ameaças a que estão sujeitos.

O papel dos cetáceos, tartarugas marinhas e aves marinhas engloba uma vertente social, uma vez que estas espécies são bastante carismáticas e um recurso importante para várias atividades humanas, como é o caso do turismo (um dos principais sectores da economia portuguesa, com grande importância em termos de criação de emprego). Os cetáceos e aves marinhas têm também uma vertente ecológica e funcional no meio marinho, podendo ser utilizados como indicadores do bom estado de conservação do ecossistema marinho e da sua produtividade. A maioria destes animais são predadores de topo, podendo ter uma forte influência na estrutura das comunidades, por

exemplo através da modelação do comportamento e da biologia das suas presas e dos seus competidores. A perda de uma ou várias espécies leva a que o ecossistema perca biodiversidade, complexidade e resiliência.

As populações de cetáceos, tartarugas e aves marinhas são ameaçadas por vários factores de origem Humana: a captura accidental em artes de pesca, o declínio dos stocks de peixe e a degradação do ambiente podem comprometer a viabilidade das populações destas espécies. Adicionalmente, como predadores de topo de vida longa, estes animais são o reservatório final dos poluentes acumulados nos diversos níveis de presas ao longo da cadeia trófica. A percepção de que as atividades Humanas podem ameaçar seriamente a sustentabilidade das espécies e ecossistemas marinhos levou a que o tema “perda de biodiversidade” fosse uma das maiores preocupações ambientais do último século. Muitos bens e serviços continuam a ser obtidos a partir dos ecossistemas marinhos de forma insustentável, causando sobre-exploração dos recursos, destruição e fragmentação dos habitats e poluição.

Recentemente, no âmbito do projeto LIFE+ MarPro, um trabalho coordenado por uma equipa do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, correspondeu a um dos maiores esforços de monitorização e conservação direcionado para espécies marinhas ameaçadas, incluídas nas Diretiva Habitats e Diretiva Aves em Portugal Continental.

O trabalho realizado durante os sete anos do projeto Life+ MarPro permitiu colmatar lacunas de informação sobre o Boto, o Roaz e a Pardela-balear entre muitas outras espécies marinhas em Portugal Continental. O projeto permitiu ainda criar colaborações com o sector pesqueiro, com o objetivo de reduzir as capturas accidentais de espécies ameaçadas. Os contributos desta iniciativa ultrapassam o período temporal do projeto, já que possibilitaram o alargamento da Rede Natura 2000 ao meio marinho através da definição de quatro Zonas de Proteção Especial dedicadas à conservação de aves e quatro Sítios de Importância Comunitária para cetáceos, salientando-se o Sítio Maceda - Praia da Vieira, onde se inclui a costa da Região de Aveiro.

Além de apresentar uma distribuição equilibrada de Bancos de areia e Recifes, habitats também listados na Diretiva Habitats, o Sítio Maceda - Praia da Vieira é importante para tartarugas marinhas e peixes como o Sável, a Savelha e a Lampreia no período que antecede os caudais de chamada dos rios Vouga e Mondego. Salienta-se que este Sítio marinho que inclui a zona costeira da Região de Aveiro é considerado um Habitat Crítico para Cetáceos, não só pela sua elevada diversidade de cetáceos, mas principalmente porque inclui o núcleo populacional mais importante de Boto na Península Ibérica, um cetáceo que poderá desaparecer num futuro muito próximo de toda a costa portuguesa.

**Catarina Eira**  
CESAM | Universidade de Aveiro



# A ver o mar

## Nota de intenções



“A Ver o Mar” é um filme sobre relações e afetos com o mar como cenário e elo de ligação entre estas histórias. O mar simboliza também o vaivém de sentimentos e emoções; é o agregador de felicidade e de momentos que se querem esquecer; é a capacidade de sonhar e de imaginar o que está depois da linha do horizonte, onde o sol nasce e se põe.

Este filme pretende ser uma reflexão sobre as relações humanas e as expectativas que depositamos nelas através do cruzamento de histórias de diferentes gerações. Como é que as relações resistem ao longo do tempo? Que barreiras conseguem ultrapassar os laços de afeto? Que fascínio nutrem todos estes personagens, com diferentes histórias e vivências, pelo mar? O que é que o mar lhes traz?

“A Ver o Mar” é um filme que pretende levar-nos até ao imaginário de cada um, como o mar nos leva quando o fixamos no horizonte, quando imaginamos o que está para lá da sua imensidão e que a nossa vista não alcança. Sendo o mar um lugar de afetos (ou o pretexto para ir namorar), este é o ponto de partida do filme, o mar na sua instabilidade, nas suas oscilações de marés, representa também os altos e baixos das relações, o vaivém de sentimentos, o mesmo mar que nos faz sonhar tantas vezes é causador de dor e sofrimento. O mesmo acontece nas relações amorosas.

A vontade de fazer este filme surgiu depois de uma italiana que esteve no Porto a questionar porque é que os portugueses tinham o hábito de ficar dentro do carro a ver o mar, mesmo quando estava bom tempo. O facto é que o fenómeno não estará assim tão aprofundadamente estudado, nem tão pouco se encontram referências na Internet. Será esta uma tradição exclusivamente portuguesa? Esta foi a premissa para a descoberta deste fenómeno tão português de “ver o mar”. Quem são afinal estas pessoas? Que histórias têm para contar?

Porquê fazer este filme? Acreditamos que este filme pode contribuir para uma reflexão sobre a importância dos afetos nas relações entre diferentes gerações e que representam o ciclo da vida, e ao mesmo tempo, mostra um pouco da portugalidade e contribui para a preservação daquelas que são as tradições e costumes portugueses, partindo de uma história local na Póvoa de Varzim para elementos que são globais.

**Ana Luísa Oliveira**  
**André Puertas**  
**Sara Santos**



# Portugal tem lata

Recheada de episódios relevantes, a indústria conserveira portuguesa nunca foi destacada

como merecia. Talvez o único documento de registo sobre esta indústria seja, até à data, “O Livro de Ouro Das Conservas Portuguesas de Peixe” (1938), editado pelo Instituto Português de Conservas de Peixe. A organização desta obra pertenceu a quem melhor filmou os pescadores e as gentes do mar em toda a história do cinema português - Leitão de Barros.

Sobre o tema das conservas de peixe quase nenhum filme há a registar, a não ser o curioso “O Jogo da Sardinha” (1946), encomendado pela Fábrica Feu ao realizador Oliveira Cosme. Serviu-nos de referência.

A nossa proposta narrativa divide-se em dois segmentos principais. Um que vai desde as origens desta indústria até ao final da 2ª Guerra Mundial, outro que reflete sobre o período difícil do pós-guerra até aos dias de hoje.

No primeiro segmento destacámos os principais momentos de evolução da indústria conserveira em Portugal. Um primeiro período, histórico, até 1855, um segundo período, industrial, entre 1855 e 1880, um terceiro período, que chamaremos tecnológico, de 1880 a 1920 e, por último, um quarto período, socio-económico, que perdurará até ao final da guerra em 1945.

No segundo segmento abordámos a grave crise e a decadência do sector no pós-guerra, a agitação sociopolítica que se seguiu à revolução de abril, em que esta indústria quase cessou atividade e que perdurou até finais dos anos 80, sem deixar de fazer referência à tendência atual do sector e da glorificação das conservas como produto trendy.

Durante anos consideradas como alimento dos pobres e das tropas, as conservas de peixe portuguesas conquistaram um estatuto gourmet, com direito a presença constante nas revistas “lifestyle”, em espaços próprios e menus de degustação nos restaurantes da moda.

Claro está que Portugal Tem Lata evoca múltiplos temas, desde as origens do setor em

Portugal (que remonta ao período romano) passando pela influência determinante que as conservas portuguesas tiveram na alimentação dos soldados na Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

Não podíamos deixar de fora a relação da indústria conserveira nacional, quer na criação de postos de trabalho, quer no contributo para a evolução do trabalho feminino em Portugal, ao longo dos diferentes períodos da sua história e da sua evolução no nosso país.

Também a influência do setor conserveiro e das pescas, na indução direta ou indireta, de novas indústrias que viriam a constituir-se suas subservientes, como foi, sempre, o caso da construção naval, da litografia e latoaria mecânicas, tiveram destaque no filme.

Portugal tem Lata é o primeiro filme de fundo para cinema e televisão dedicado à indústria conserveira de pescado portuguesa. Moveu-nos o Mar. Inspiração de poetas, fonte de alimento e de outros recursos naturais, de divertimento e ciência, cenário de férias e atividades desportivas e um meio privilegiado de comunicação.

Temos a convicção de que a nossa cultura marítima está viva e que se vai descolando pouco a pouco do passado para se reinventar no futuro e de que o Mar, que sempre foi grande para os portugueses no passado, pode ser ainda maior no futuro.

**Rui Pregal da Cunha**  
**João Trábulo**

# O cais do nosso

O cinema é um cais onde ancoramos deliberadamente o nosso olhar, e nos deixamos conduzir pela narrativa que as imagens nos contam.

Com esta terceira edição, dedicada a Manuel Paula Dias, completa-se o ciclo de dar a conhecer o chamado “grupo de Aveiro” — Vasco Branco, Manuel Matos Barbosa e Manuel Paula Dias — realizadores não profissionais que, desde meados do século XX, utilizaram o espaço marítimo da região de Aveiro como referente cinematográfico.





Retrospectiva  
**Manuel da Paula Dias**

# olhar

# Manuel da Paula Dias

(1934) | Realizador



Manuel de Oliveira Paula Dias, natural de Aveiro onde estudou até ao 5º ano do liceu. Saiu de Aveiro, prosseguindo os estudos no antigo Instituto Industrial do Porto, hoje designado ISEP. De regresso a Aveiro, iniciou a sua atividade profissional como técnico industrial nas oficinas da família, bem no coração da cidade dos canais. O seu interesse pelo cinema chegou com a sua estadia na cidade invicta, que proporcionava uma vasta oferta da cinematografia mundial, maioritariamente americana, mas também do novo cinema italiano e francês.

É certo que nessa época o seu interesse se debruçava apenas no visionamento de muitos filmes, longe ainda da intenção de vir a fazê-los. A primeira câmara, de 8 milímetros, ainda de corda, foi adquirida por altura do nascimento da sua primeira filha, em março de 1961. Começava então o interesse pela captação de imagens, dedicadas contudo aos filmes de família, a férias e viagens, como faziam todos os amadores.

Mas nessa época, havia em Aveiro um amador que se destacava já pela realização de filmes que chamavam a atenção em todo o mundo, onde concorria com os seus filmes a festivais de cinema não profissional, e ganha todos os grandes prémios em disputa. Era o aveirense Dr. Vasco Branco.

Nessa época em volta do Dr. Vasco Branco, começavam a aparecer vários amadores que pretendiam fazer um cinema diferente. Primeiro, com a fundação do cineclub de Aveiro, com a criação de clubes de cinema na cidade, e depois, em Oliveira de Azeméis e Ovar, com a realização de festivais de cinema, o movimento aumentou. Juntaram-se ao cineasta aveirense o Manuel Paula Dias, o engº Gonçalves Lavrador, Matos Barbosa, o fotógrafo Carlos Ramos e o engº Diogo Gomes, que criaram um núcleo de cinema, que em conjunto com amadores de Lisboa, Porto, Coimbra, Portimão, viriam a constituir a base da federação de cinema de amador, com sede em Lisboa, e que em pouco tempo reuniu um núcleo de clubes de todo o país, com cerca de vinte associados.

A tecnologia ia-se desenvolvendo, o vídeo estava ainda longe, e apareciam as primeiras câmaras sonoras com focagem automática, que valorizavam o trabalho dos amadores. Em 1972, M. Paula Dias e um colega de Lisboa foram convidados pelo então Ministério do Ultramar, para uma deslocação a Moçambique, numa procura de valores locais para se juntarem à federação.



FILMES DO AUTOR  
EM EXIBIÇÃO NO  
MAR FILM FESTIVAL  
2019



***Sal, duro sal***  
(1977 20')



***Vivinha da costa***  
(1981 10')

Foram visitadas as principais cidades da antiga colónia portuguesa, e projetados filmes que estavam a ser feitos no continente. Mas essa visita, que teve grande impacto nessas cidades, mostrou uma nota negativa. Em Moçambique, salvo raras exceções, ainda estavam no filme de família.

Regressaram em 1973, mas com um percurso mais curto, pois para além da cidade da Beira, Nampula e Lourenço Marques, a restante província não oferecia campo propício à realização de filmes que fossem integrados nas categorias então em uso: enredo, documentário e animação. Só mesmo o Cine Clube da Beira se perfilava como um continuador do trabalho da federação.

Aqui o grupo que no país era conhecido como o grupo de Aveiro, continuou a trabalhar, a organizar festivais de cinema.

O movimento sofreu, entretanto, um rude golpe, não devido ao 25 de Abril, mas sim às novas tecnologias. As câmaras foram deixadas de lado, e o vídeo veio em força substituí-las, e com ele veio a morte dos festivais de cinema. Não havia qualidade na projeção dos filmes, e praticamente os cineastas amadores pararam a sua actividade. Em Aveiro, apenas M. Paula Dias, Matos Barbosa, e o Cine Clube de Avanca o seu dirigente máximo António Costa Valente continuaram uma actividade que foi enriquecida por novos equipamentos que permitem uma projeção de filmes em cinemas comerciais, e o aparecimento de realizadores que entraram directamente no vídeo, surgindo mesmo o uso de câmaras fotográfica de alta definição, que com um preço mais económico, quase substituem as câmaras de filmar de vídeo. Isto na opinião de muitos amadores e profissionais...

**Manuel da Paula Dias**

The background of the image features a series of thin, teal-colored lines that flow and curve to form a large, open circular shape. The lines are more densely packed in some areas, creating a sense of depth and movement. The overall effect is a dynamic, organic pattern that frames the text.

# Nov vis L

# Novas Vistas Lumière

Um plano, dois minutos, um prémio. Assim se resume o concurso *Novas Vistas Lumière*, uma competição de curtíssimas metragens, inspirada nos filmes dos irmãos Lumière nos inícios do cinema.

Mantendo as características das *Vistas Lumière*, são admitidas a concurso todas as obras com duração até dois minutos, de um só plano, a preto e branco ou a cores, sem som, sem movimentos de câmara físicos ou óticos, ficcionais, documentais, produzidas no ano anterior ou no ano em que se realiza *Mar Film Festival*.

Trata-se de um desafio criativo, porque impede os concorrentes de utilizarem algumas das possibilidades tecnológicas dos meios atuais, obrigando-os a concentrarem-se apenas na dimensão narrativa que a imagem em movimento contém, conduzindo-os à essência do cinema e à aquisição de novas perspectivas culturais neste domínio.

# Novas Vistas Lumière

Obras admitidas a concurso

PRÉMIO VISTA LUMIÈRE JOVEM (12-15 anos)

***Vai e vem***

VICTORIA FREITAS

***Impuro***

LUCAS RIBEIRO

***Um mar para todos***

LUÍSA VILARINHO

***O local que nos uniu***

TOMÁS VIOLA

***O mar como companhia***

TOMÁS VIOLA

***Resquício de uma memória***

VICTÓRIA FREITAS

***(Falta) vida no mar***

RODRIGO MOURA

***Regresso emudecido***

***Grito mudo***

GABRIEL PINHO

LUÍS ALMEIDA

PRÉMIO NOVA VISTA LUMIÈRE (16-18 ANOS)

***Sinais do mar***

MARIA SOUSA  
BEATRIZ GONÇALVES

***Elegy***

LEONARDO SIMÕES

***In memorium***

LEONARDO SIMÕES

***Gostas?***

CAROLINA PEREIRA  
INÊS TEIXEIRA  
MAFALDA BARROS  
MAFALDA FERREIRA  
MARTA CABRAL

***Tempestade***

DANIELA CARAMAN

***Entre grades***

RAFAEL ROLO

***Recife  
Sob as ondas***  
CLÁUDIO BRANDÃO

***Museu solitário***  
FERNANDA PONTES

***De volta***  
HÉLDER LUÍS

***Mar addendum***  
BRUNO SANTOS  
MARTA MOTA

***Quem anda devagar  
também caminha***  
LAURINDA MARQUES

***Descobrimientos  
portugueses***  
LEANDRO BRANDÃO

***Desagua***  
MELISSA GANAHA

***Travessia***  
AROLDO SOARES

***MarKalar***  
FRANCISCO FELÍCIO  
RITA MENDES

***Filmar no mar***  
IRIS OCAMPO MAYA

***A pescadora.  
Trabalho e sustento***  
LOUYSE GERARDO

***Karma***  
MARCELLO FERREIRA

***Ócio criativo***  
RAFAELLA CAMPOS

***Mar de gente***  
CARLOS MOUTINHO

***O óbvio***  
CASSIA WALESKA

***Marés de democracia***  
MARIA BASTIÃO

***Claro / Escuro  
Sem descanso***  
SARA CARNEIRO

***Propagação***  
CAROLINA MARQUES

***Arte e ofício***  
CÉSAR PINTO

***Entre (laços) de vida e mar***  
LAÍS DUARTE

***A saudade que  
não envelhece  
As memórias sem fim***  
LAR DE SÃO JOSÉ

## PRÉMIO VISTA LUMIÈRE | CATEGORIA FICÇÃO (+19 ANOS)

***Vaga lembrança***

CASSIA WALESKA

***Areia molhada***

HELDER LUÍS

***A viagem***

MARIA CELINA DA SILVA

***Mar de saudades***

ALESSIO MUGNAINI

***Proibido pescar***  
***O protesto dos peixes***

PAULO DELGADO

***A mulher que  
acalma o mar***

ALBERTO SEIXAS

***Em maré de sorte***

IRIS OCAMPO MAYA

***Cuidas de mim?***

MARIA CELINA DA SILVA

***Destino(s)***

CARLOS MOUTINHO

***O que o mar levou***

ELIANA BRAVO ARANGO

***Em busca***

AROLDO SOARES

***Cometas ao mar***

ELIANA BRAVO ARANGO

***Os ciclos da natureza***

CÉSAR PINTO

***Volta***

FRANCISCA CARDOSO LIMA

JOÃO GARCIA NETO

***Des(encontros)***

LAÍS DUARTE

***O tempo não pára***

LOUYSE GERARDO

***Helena***

RAFAEL CALISTO

***Esporão***

MARTA MOTA

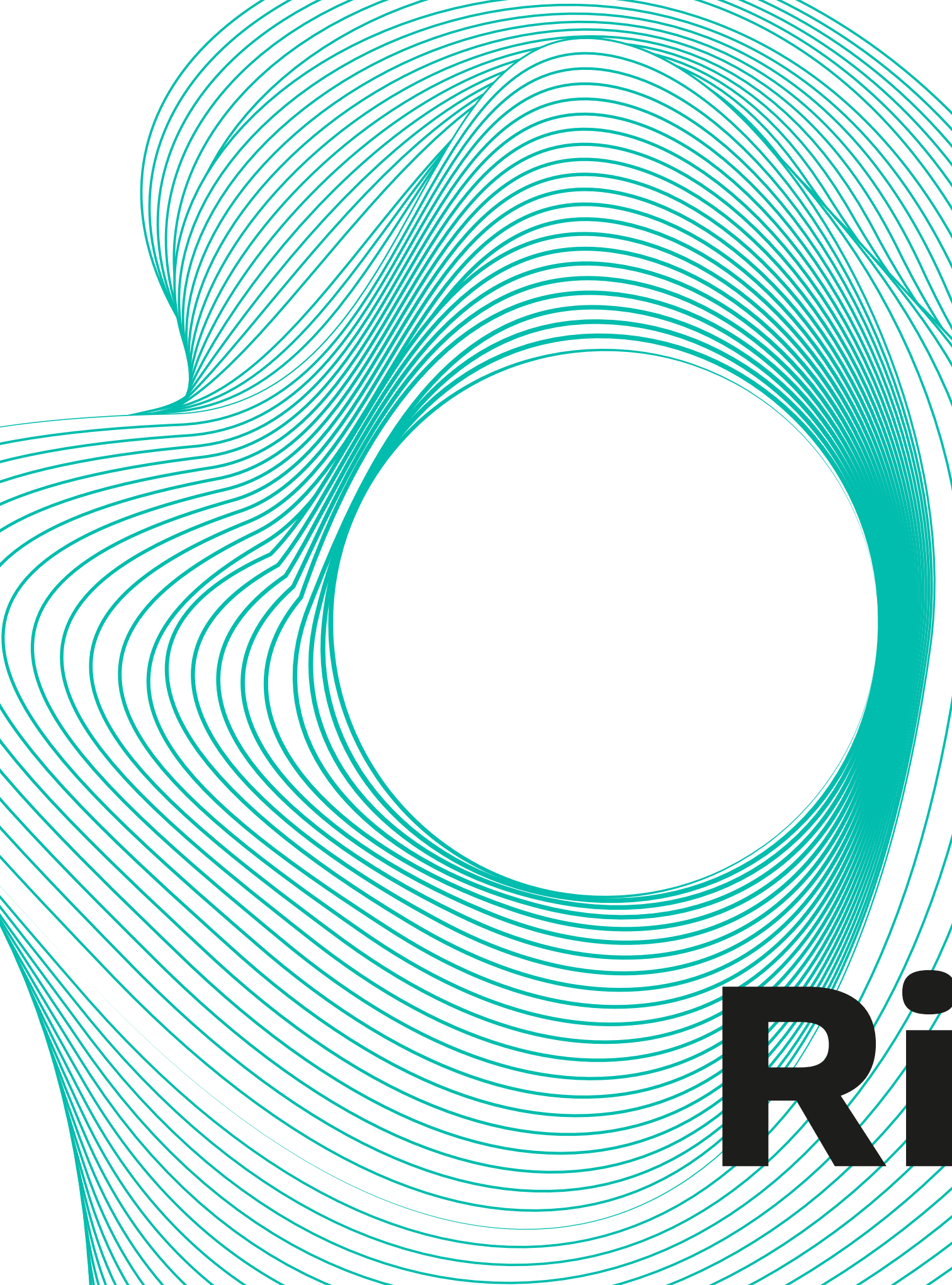
***As pegadas dos  
novos descobridores***

IONE FERNANDEZ

***Rebocadores***

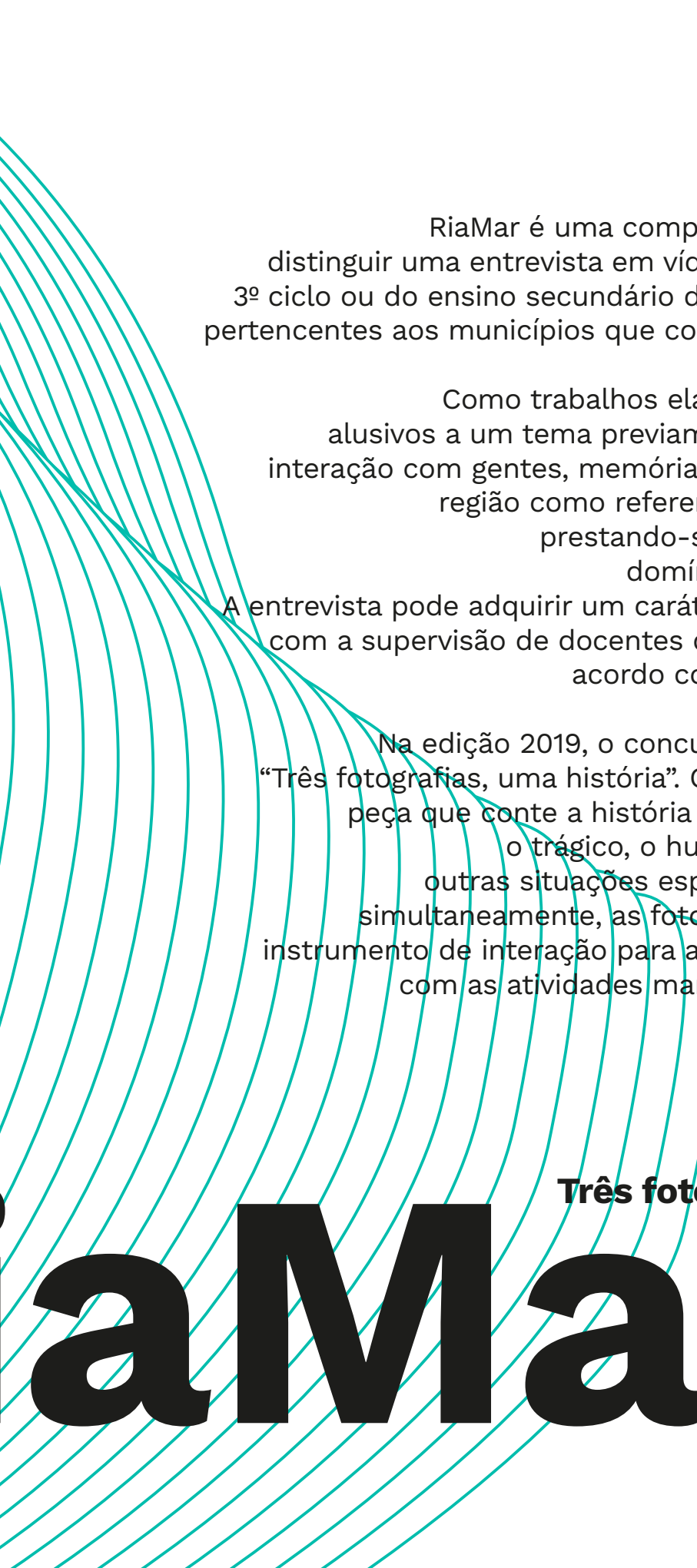
RUI MAIO





**Ri**





RiaMar é uma competição que tem por objetivo distinguir uma entrevista em vídeo, realizada por turmas do 3º ciclo ou do ensino secundário dos agrupamentos escolares pertencentes aos municípios que convivem com a Ria de Aveiro.

Como trabalhos elaborados pelo grupo-turma, alusivos a um tema previamente definido, promovem a interação com gentes, memórias e profissões marítimas da região como referentes culturais e identitários, prestando-se ainda eficazmente para o domínio da autonomia curricular.

A entrevista pode adquirir um caráter mono ou interdisciplinar, com a supervisão de docentes do Conselho de Turma, e de acordo com as Normas do Concurso.

Na edição 2019, o concurso RiaMar tem como tema “Três fotografias, uma história”. O objetivo é apresentar uma peça que conte a história de uma pessoa, onde a dor, o trágico, o humor, a alegria, a tristeza, ou outras situações especiais estejam presentes e, simultaneamente, as fotografias sejam usadas como instrumento de interação para a narração, na qual a relação com as atividades marítimas deve estar presente.

**Três fotografias, uma história**

# **aMar**

# RiaMar Três fotografias, uma história

A Escola Básica da Gafanha da Encarnação volta a estar presente em mais uma Edição do *Mar Film Festival*, na sua 3.ª Edição.

Nada se repete e nada esgota a temática do Mar, que acaba por ser o nosso mar. Continua-se a permitir a intervenção dos alunos numa área que eles tão bem conhecem. Trabalham a Ria e o Mar e dedicam o seu tempo aos Homens que neles trabalham ou a quem dedicaram grande parte da sua vida.

E eis então que nos surgem em recordação personagens de infância, como o Sr. Barqueiro que nos atravessava para a Costa Nova, ou outros igualmente lendários no seu traquejo com as manhas e rebeldias ora do mar ora da ria. E assim se vai completando, ano após ano, os arquivos das Memórias de RiaMar, fidelizando o Museu Marítimo de Ílhavo.

A todos agradecemos a valentia, a boa vontade e a paciência em contar aos nossos alunos as suas experiências.

E eles não se retêm apenas em recordações, gostam de inovar e imitar os melhores, e vão nascendo outros Lumière, quase que alargando a família cinéfila.

Assim se interligam conhecimentos, capacidades e atitudes, desenvolvendo competências tão importantes, como o desenvolvimento pessoal e a autonomia, o relacionamento interpessoal ou a sensibilidade estética e artística. Assim é a escola da vida.

## **Agrupamento de Escolas da Gafanha da Encarnação**

DIANA VALADARES

ISABEL ANÇÃ

JUDITE TEIXEIRA



## **Entrevista a José Carapelho**

FRANCISCO CARAPELHO

GONÇALO REGALADO

TOMÁS MARTINHO



## **Entrevista a António Engrácio**

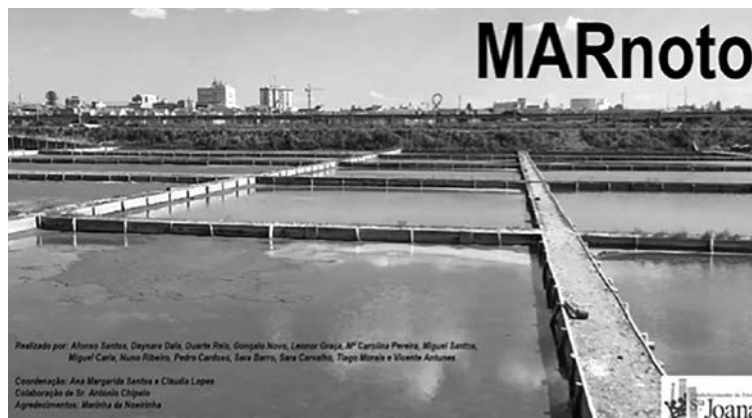
FRANCISCA SOARES

INÊS PATA

MARIANA ALMEIDA

TOMÁS DURÃO

PEDRO MIGUEL



## MARnoto

Numa terra de pescadores e de gentes ligadas ao Mar, também nós temos nas nossas vivências, histórias relacionadas com esta temática que é sempre atual. A proposta deste trabalho surge de uma conversa informal com outros professores e nós, Cláudia Lopes e Ana Margarida Santos, questionámo-nos ... porque não, propor aos alunos da Disciplina Projeto? Nesta disciplina, reunimos um conjunto de alunos dos 7.º e 8.º Anos de escolaridade e lançamos desafios diferentes, por um lado para espicaçar a sua curiosidade, espontaneidade, imaginação e por outro, para os fazer refletir numa perspetiva de vida futura, sendo empreendedores. E foi neste sentido, que lançámos o desafio de “navegar” pelo desconhecido e encontrar na sabedoria do Marnoto a arte de extração de sal na Ria de Aveiro. Ouvir as suas histórias, um pouco das suas vivências e perceber a importância da ria e do mar nas suas vidas.

O Mar que tão perto está e tão longe se mostra, foi o tema principal, nas conversas com o Sr. Alberto, moço de outrora e Marnoto de agora. As palavras que cheias de emoção nos trouxeram, a todos, alunos e professoras, novas aprendizagens. Falou-nos da relevância da palavra salário, que teve a sua origem associada ao sal e a importância que este tinha a ponto de se receber em sal que curiosamente em dias de muito calor, para “matar a sede” bastava colocar um cristal de sal na boca e beber um copo de água e passaríamos o dia sem sede. Foram tardes de aprendizagem, trocas de experiências e vivências que mataram um pouco a sede de conhecimento nesta área e abriram o horizonte para lá da ria e da imensidão do Mar.

### Estabelecimento de ensino Santa Joana

ANA MARGARIDA SANTOS

CLÁUDIA LOPES

QUE LINDO BARQUEIRO,  
QUE LÁ VEM, LÁ VEM...



## Entrevista a Manuel da Graça Patrício

ÍRIS CASQUEIRA

JOANA RAMOS

MARIANA GONÇALVES

# agradece

Abílio Hernandez Cardoso  
Afonso Santos  
Ana Lillebø  
Ana Luísa Oliveira  
Ana Margarida de Carvalho  
Ana Margarida Santos  
Ana Paula Medeiros

Ana Rodrigues  
André Puertas  
António Chipelo  
António Engrácio  
Catarina Eira  
Cláudia Lopes  
Daynara Dala  
Delfim Rodrigues  
Diana Valadares  
Duarte Reis  
Francisca Soares  
Francisco Carapelho  
Gonçalo Novo  
Gonçalo Regalado  
Inês Pata  
Íris Casqueira  
Isabel Ançã  
Joana Ramos  
João Luz  
João Trábulo  
José Carapelho  
Judite Teixeira  
Leonor Graça  
Luís Oliveira Santos

Manuel da Graça Patrício  
Manuel Paula Dias  
Marco Figueiredo  
Maria Alice Pinho  
Maria Carolina Pereira  
Maria José Santana  
Mariana Almeida  
Mariana Gonçalves  
Miguel Caria  
Miguel Santos  
Nuno Ribeiro  
Nuno Sá  
Paulo Fajardo  
Pedro Almeida  
Pedro Cardoso  
Pedro Miguel  
Rodrigo Areias  
Rui Pregal da Cunha  
Sara Barro  
Sara Carvalho  
Sara Santos  
Tiago Alves  
Tiago Morais  
Tomás Durão  
Tomás Martinho  
Vicente Antunes





# in- tintos

## INSTITUIÇÕES

Agrupamento de Escolas da Gafanha da Encarnação

Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha

Agrupamento de Escolas de Ílhavo

Agrupamento de Escolas José Estevão

Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM)

Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS)

Combo jazz escola artística do conservatório Calouste Gulbenkian

Estabelecimento de Ensino S.ta Joana

Marinha da Noeirinha

RTP – Antena 1 (Cinemax)

Universidade de Aveiro

WWW.  
**marfilmfestival.pt**





organização



parceiro de comunicação



cofinanciamento

